



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**

**JOSÉ ANDERSON DE LUNA COELHO**

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO: (RE)SSIGNIFICANDO  
OLHARES SOBRE A ALTERIDADE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS/PB**

**CAJAZEIRAS/PB**

**2023**

JOSÉ ANDERSON DE LUNA COELHO

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO: (RE)SSIGNIFICANDO  
OLHARES SOBRE A ALTERIDADE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS/PB**

Artigo monográfico apresentado como requisito parcial para obtenção de Certificação da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Formação Docente para a Educação Básica, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> **Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves.**

**Aprovado em: 30/11/2023**



---

(Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves – Orientadora)



---

(Dra. Aparecida Carneiro Pires – Examinadora)



---

(Dra. Edinaura Almeida de Araújo – Examinadora)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

C695r	<p>Coêlho, José Anderson de Luna. Relações interpessoais na educação: (re)ssignificando olhares sobre a alteridade no contexto de uma escola pública no município de Cajazeiras/PB / José Anderson de Luna Coêlho. – Cajazeiras, 2023. 34f. : il. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves. Artigo Monográfico (Especialização em Formação Docente-Educação Básica) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Educação- Relações interpessoais. 2. Alteridade. 3. Educação- Município - Cajazeiras - Paraíba. 4. Relações interpessoais. I. Alves, Rozilene Lopes de Sousa. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS <span style="float: right;">CDU – 37.06</span></p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

## **RESUMO**

O presente artigo propõe discussões acerca das relações interpessoais na educação: (re)significando os olhares sobre a alteridade, no contexto de uma escola pública do município de Cajazeiras/PB. Este artigo tem como objetivo central: analisar sob a ótica da alteridade as relações interpessoais na educação; como também, refletir sobre a ótica das relações interpessoais, na perspectiva do eu em consonância com o *alter*, inserido no contexto educacional; compreender o aprendizado como forma de aprimorar saberes e formar seres reflexivos; perceber o outro no processo educativo, na participação de todos, e no respeito a pluralidade. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa (Ludke e André, 1986), de natureza básica (Appolinário, 2011), sendo uma pesquisa exploratória (Severino, 2016), com entrevistas não-diretivas ou semiestruturadas e utilizando o AC – Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Este trabalho fundamenta-se nas contribuições teóricas de Nóvoa (2004), Leite (2010), Guareschi (1998), Freire (1992) e Habowski, Conte e Pugins (2018).

**Palavras-chave:** Alteridade. Educação. Relações Interpessoais.

## **ABSTRACT**

This article proposes discussions about interpersonal relations in education: (re)meaning the views on otherness, in the context of a public school in the city of Cajazeiras/PB. This article has as its main objective: to analyze from the perspective of otherness interpersonal relations in education; as well as to reflect on the perspective of interpersonal relationships, from the perspective of the self in consonance with the alter, inserted in the educational context; understand learning as a way to improve knowledge and form reflective beings; perceive the other in the educational process, participation of all, and respect for plurality. The methodology used was a qualitative approach (Ludke and André, 1986), of basic nature (Appolinário, 2011), being an exploratory research (Severino, 2016), with non-directive or semi-structured interviews and using the AC - Content Analysis (Bardin, 2016). This work is based on the theoretical contributions of Nóvoa (2004), Leite (2010), Guareschi (1998), Freire (1992) and Habowski, Conte e Pugens (2018).

**Keywords:** Otheress. Education. Interpesonal Relations.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	7
2.1 A Escola do Tempo Presente .....	7
2.2 Relação, Alteridade e Grupo .....	9
2.3 Alteridade na Educação.....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	15
3.1 Caracterização da pesquisa.....	15
3.2 Técnicas de pesquisa .....	16
3.3 Método de análise de dados .....	16
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	28
<b>APÊNDICE</b> .....	29
<b>APÊNDICE I – INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES</b> .....	30
<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	30
<b>APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

O homem está imerso nas relações interpessoais, o singelo fato de viver em sociedade já o inclui nessa relação, entretanto, ele pode não compreender a existência do outro, carregando uma conduta individualista, conseqüentemente isolado pelo mal relacionamento com o “diferente”. Nesse contexto, entra a perspectiva da alteridade, na qual o eu individual só passa a existir quando enxerga o outro em si mesmo. O *alter* – alteridade ou o outro –, necessita ser compreendido como algo intrínseco do homem, pois faz parte do cotidiano humano, por isso, reconhecer a participação de demais sujeitos na construção do eu, é essencial para um efetivo convívio social.

A alteridade é um grande desafio postulado a uma sociedade que padroniza e desvaloriza o processo de ensino e aprendizagem, na qual existe a superioridade de um eu, completamente distante do alter. Se pensarmos que a esfera educacional é, ou deveria ser, um espaço de desenvolvimento ético, que comumente, constrói em meio a seus princípios básicos, o respeito com o outro, a dialogicidade, o espaço de convivência plural, podemos tecer críticas que há algumas inconsistências que não condizem com a realidade encontrada nas relações do todo escolar.

Nesse contexto, a questão problematizadora partirá de como as relações interpessoais estão sendo vivenciadas dentro do contexto da educação, sob o olhar da alteridade, do reconhecimento do outro como parte de si. Acredito que a educação pode e deve trazer novas possibilidades de perpetuar a alteridade, pois ela é um agente do fazer educativo, ao qual se constrói saberes. Pensar nessa educação pautada na alteridade, é adentrar em um espaço no qual o reconhecimento do outro é algo notório ao ótico, é ético, é respeitoso, é de fato, humano.

O objetivo central deste artigo é de analisar sob a ótica da alteridade as relações interpessoais na educação. E como objetivos específicos: refletir sobre a ótica das relações interpessoais, na perspectiva do eu em consonância com o *alter*, inserido no contexto educacional; compreender o aprendizado como forma de aprimorar saberes e formar seres reflexivos; perceber o outro no processo educativo, na participação de todos, e no respeito a pluralidade.

O interesse pela temática surgiu na graduação do curso de Pedagogia, e desde lá, a dedicação pelo tema e a necessidade de colocá-lo em debate, moveu-se até a pós-graduação, cominando em mais um trabalho acadêmico/científico de relevância para toda comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Aponto a relevância deste artigo no

tocante ao relacionamento humano, o relacionamento interpessoal que pela ótica da investigação feita por este trabalho, acredita-se que essas relações estão enfraquecidas, e por isso, a necessidade dessa (re)significação.

A metodologia utilizada neste artigo tem como natureza básica. O objetivo se dá por meio da pesquisa exploratória. A abordagem utilizada é de cunho qualitativo. A técnica de pesquisa se constitui pelo uso de entrevistas não-diretiva/semiestruturadas. O método de análise utilizado é o de pesquisa pelo AC – Análise de Conteúdo, e seguindo três processos de etapa de análise, e por conseguinte, os resultados e discussões.

O artigo está dividido da seguinte forma: 2 Referencial Teórico – 2.1 A Escola do Tempo Presente (Nóvoa, 2004); 2.2 Relação Alteridade e Grupo (Guareschi, 1998), (Leite, 2010), (Freire 1992), (Pichon-Revière, 1992); 3.3 Alteridade na Educação (Beauvoir, 1980), (Habowski, Conte e Pugins, 2018), (Freire, 1997). 4 Metodologia – 4.1 Caracterização da Pesquisa (Ludke e André, 1986); 4.2 Técnicas de Pesquisa (Severino, 2016); 4.3 Método de Análise de Dados (Burdin, 2016), (Câmara, 2013). 5 – Resultados e Discussões. Considerações Finais. Referências. Apêncides. Anexos.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A Escola do Tempo Presente

Para iniciar as discussões sobre a alteridade na educação em consonância com a relações interpessoais, se faz necessário uma reflexão sobre a “Escola do Tempo Presente”, a partir do texto de António Nóvoa (2004) “Currículo e Docência: A pessoa, a partilha e a prudência”. A Escola da atualidade enfrenta novos desafios e dificuldades, e com isso, pode-se pensar que as relações interpessoais estão fragilizadas e que a alteridade é algo complexo de compreensão.

Nos últimos anos, vivenciamos um grande retrocesso político no nosso país, nos quais afetaram grande parcela da população brasileira. A educação foi impactada, os educadores e educandos, que em um silêncio angustiante, viram um desgoverno negligenciar a educação de uma maneira catastrófica. Foi, sem dúvidas, uma manobra política que instaurou um novo paradigma dominante para dar privilégios a uma determinada massa, aquela cuja vertente reúne interesses financeiros.

No texto de António Nóvoa (2004) “Currículo e Docência: A pessoa, a partilha e a prudência”, o autor traz contribuições significativas para a educação, em uma perspectiva de refundação da Escola, em outras palavras, uma nova Escola. Seria uma Escola que assegurasse que o sujeito, irá se desenvolver e posteriormente progredir. Mas, para que isso aconteça, é necessário que se faça algumas reflexões e a partir delas, colocá-las em prática nas escolas. Nesse contexto, o autor cita os três elementos que dão sustentação para o educador: agregar conhecimento ao seu currículo; formar e experimentar; e na prática docente que possa trabalhar com a decência, em uma maneira de quebrar os paradigmas vigentes.

Para entendermos melhor, acredito que seja interessante compreender os três elementos que o autor cita. O primeiro “A pessoa”, na qual ele vai dizer que as relações pessoais e profissionais são necessárias e que é impossível separá-las. O problema é que a escola tradicional é regida por regras e limitações, colocando o educador contra a parede e exigindo que ele seja o mais neutro possível, que trabalhe tal conteúdo e que não seja crítico, não expresse e nem traga contribuições de sua vida, ou melhor, dos seus posicionamentos pessoais. Nesse sentido, o profissional permite-se ser manipulado pelos métodos reproduzidos por algumas instituições. Nóvoa (2004) vai dizer que:

[...] um dos problemas centrais da formação de professores. Temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa. E que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise. (Nóvoa, 2004, p. 20)

Não há a mínima possibilidade de deixar quem você é guardado em casa, e entrar em outro ambiente e ser outra pessoa. Somos nós o tempo todo, porém há falsas identidades, elas se fundem nesse temor de ser quem realmente é, nos abstendo do nosso “eu”, para seguir algo ou apenas ser um ignorante de ego elevado. Necessitamos do outro lado para construir uma ponte, precisamos que o outro que fica em casa, atravesse essa ponte e chegue no outro lado, que traga as contribuições de suas vivências, do que construiu. Enquanto educador, preciso validar essas relações pessoais e profissionais, e não vai ser levando meus problemas de casa para Escola, não é isso. É trazendo minhas percepções do que já vivi, li, experimentei e correlacionando com o trabalho da escola.

A segunda “A Partilha”, o Nóvoa (2004) diz que a Escola deve ser o lugar de Partilha do saber, ou seja, de compartilhamento de saberes coletivamente, sem privilegiar um grupo social ou determinados grupos sociais. O mal das escolas – respectivamente dos seus profissionais – é marginalizar tal grupo ou tal indivíduo pelo não reconhecimento de mudança. Talvez ache que é jogo perdido trabalhar com crianças que vivem em meio ao tráfico, por exemplo, por não almejar perspectiva de mudança.

Como educador, devo me colocar em constante busca de caminhos para trabalhar com a coletividade, sem desmerecer nenhum sujeito, e sim, prever mudanças, pois é nessa partilha que se funde um lugar de aprendizagem no qual é compartilhada as regras de vida em sociedade. Nesse sentido, todos devem estar incluídos, na verdade, eles precisam sentir que estão incluídos, por mais que sejam de culturas e vivências diferentes, precisam construir coletivamente o seu ser.

No terceiro e último elemento, “A Prudência”, o Nóvoa (2004) vai dizer que é preciso que se tenha Prudência – em que há sensatez – para que se tenha uma vida decente. Então é preciso que se faça uma análise sobre o trabalho enquanto educador, se ele é realmente coerente com a ética e se busca subsídios para atender as demandas dos educandos, seguindo todos os elementos que constitui uma escola nova.

Contudo, para trabalhar uma nova escola, é necessário que se tenha novos olhares, nos quais enxerguem caminhos de mudanças e que rompam o paradigma dominante. Mas

é fundamental a autenticidade do profissional diante dos desafios da educação no Brasil, pois não é fácil ser e está em formação enquanto educador, em um país onde a educação é desprezada e desvalorizada. É, sem dúvidas um desafio grandioso escolher e seguir essa profissão, mas precisamos ser perseverantes e acreditar sim, na mudança, mas que essa mudança comece de nós mesmos. Precisamos sair da zona de conforto e confrontar o que nos pertence, desmascarar as mídias, governos ilegítimos, e não podemos esperar pelos movimentos sociais – que são minorias em nosso país – agirem para mudar algo. Nesse sentido, enquanto educador, devo procurar ser o mais empoderado possível, e como faço isso? Refletindo com textos como o de Nóvoa, em discussões no campo científico, no trabalho com a educação, em grupos de estudos e entre outros.

## 2.2 Relação, Alteridade e Grupo

Ao considerar o contexto histórico do surgimento do homem, é possível afirmar que as relações estão entrelaçadas ao indivíduo, desde a sua origem de constituição no espaço de convivência com o outro. Ao fazer conexões com os seus semelhantes, os homens, na perspectiva física ou/e intelectual logo, estão em constante relação mútua. A partir disso, as relações com o outro passam a ser concretizadas, na medida em que observam os demais indivíduos em suas respectivas pluralidades, passando a se autoconhecerem, mesmo que inconscientes.

A relação aqui explanada, é a do predicado de duas ou mais pessoas, mas não se limita apenas a isso pois, de acordo com Guareschi (1998):

A partir da reflexão filosófica, costuma-se conceituar ‘relação’ como *ordo ad aliquid*, isto é, ‘relação’, seria o ordenamento (intrínseco) de uma coisa em direção a outra. ‘Intrínseco’, isto é, aqui, entende-se o ordenamento do próprio ser, de algo essencial a esse ser. Em outras palavras, relação é uma realidade que para poder ser, necessita de outra, senão não é. (Guareschi, 1998, p. 150)

Há uma exemplificação bem clara sobre isso é, na perspectiva do pensamento de Guareschi (1998), se pensarmos em um nome, por exemplo, José, não é possível saber se “José” está em relação, mas se ele for pai, avô, irmão, cunhado, amigo, enfim, finitas possibilidades de nomenclaturas, ele estará em relação? A resposta é sim, pois José está tendo relação com o outro, a partir de vivências cotidianas delimitadas por ele. O outro

que passa a ser enxergado, está em constante relação, pois se precisa do outro para compreender a concretude da existência.

De acordo com Guareschi (1998), falar de relações é, de fato, falar de incompletudes, pois o homem é um ser incompleto, que necessita do outro para compreender sua autoimagem, que será ampliada ou/e transformada, na medida que se é buscada, ocupada, procurada, ampliada, na análise que constitui o fazer humano. As relações são como ondas presentes no mar, em constante transformação, mutação e que precisam ser compreendidas, experimentadas e principalmente vividas.

É nítido quando citado que a autoimagem depende do outro pois, na perspectiva de Leite (2010, p. 240) “[...] somos o que somos (ou simplesmente, existimos) porque os outros são testemunhas de nosso eu.”. Nesse sentido, se não há existência de outros, não teremos critério algum de autoidentificação, por mais que ele seja aparentemente, simples e espontâneo.

Esse reconhecimento do outro através de nós mesmos pode ser nomeado de Alteridade, que para Guareschi (1998):

Na totalidade fechada há a-versão ao outro; o homem perfeito é o que tem-mais. Na alteridade dá-se a con-versão do outro; o homem perfeito é o que é-mais. Um põe seu triunfo no possuir, e a propriedade é sua mediação; o outro põe sua realização no serviço, e a justiça é o seu modo de ser. (Guareschi, 1998, p. 156)

Com o ser completo de repugnância, antipatia ele estará longe de ser concretude a alteridade, portanto, o sentimento aqui existente é de ter mais. Entretanto, a partir do momento que há a efetivação da mudança, ao ato de converter, ele alcançará a alteridade e será um ser mais. Aqui já não se terá a perspectiva de posse, passando para a plenitude de ser, de reconhecer que sou o outro e que o outro também sou eu.

Nessa passagem de reconhecimento do outro como parte inerente de nós, é possível discutir sobre a identidade do sujeito que é formada a partir dessa alteridade, que de acordo com Freire (1992, p. 60), “a identidade do sujeito é um produto das relações com os outros. Nesse sentido, todo o indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história”. Ou seja, a partir das relações que são definidas por nós, o outro representativo poderá ser representações de nós mesmos, concluindo que, somos feitos do outro.

Seguindo essa lógica, de acordo com Freire (1992) o indivíduo interessado em suprir demandas pessoais, irá criar grupos, utilizando critérios a partir de interesses

mútuos, com o objetivo de cumprir tarefas, na qual pode ser impossível ou complexo de se obter sozinho. É preciso deixar claro que por mais que exista interesses mútuos, cada participante do grupo é diferente, tem sua própria identidade.

Complementando essa discussão, Freire (1992), utilizando da poesia de Pichon-Revière (1992, p.60) “[...] eu não sou você, você não é eu. Mas somos um grupo, enquanto somos capazes de, diferencialmente, eu ser eu, vivendo com você e você ser mais você, vivendo comigo”. O grupo aqui citado pode ser entendido como seres integrantes de mundo e que estão presentes na hora de qualquer ação idealizada pelo homem. É preciso um espelho que causará reflexo de outros na concretude do eu, dos modelos de outros que está imerso em um.

Ainda de acordo com Freire (1992), há dois tipos de grupos, sendo eles primário e secundário:

A família é um grupo primário. Secundários são os grupos de trabalho, estudo, instituições etc. Em todos eles encontramos um lugar, um papel, uma forma de estar, que por sua vez, constitui nossa maneira de ser. Nesse espaço desempenhamos nosso papel, segundo nossa história e as marcas que trazemos conosco. (Freire, 1992, p. 60)

O grupo primário será o início da formação de grupos pois, durante nossa infância, ocupamos um papel único, aquele que compõe o grupo familiar, no qual é observado o outro, por exemplo, um irmão, se colocado em comparação com outro, teremos expressões de sentimentos diferentes, intensidades diversas. No grupo secundário, as relações serão ainda mais diversas pois, o sujeito vai sair da bolha do grupo primário, ficando imerso as relações fora do grupo familiar.

A Educação nesse sentido, sistematizada na Escola, pode ser um contribuinte significativo para as relações interpessoais, desde que ela seja mediada por um educador que compreende a importância dessa questão ser trabalhada. Essa educação precisa adotar posturas de liderança, que trabalhe com todos e para todos, sem privilégios ou merecimentos por afinidades. O educador poderá trabalhar pedagogicamente para que essas relações sejam construídas, utilizando sua prática, métodos que façam os educandos a trabalharem em grupos, por exemplo, para que eles consigam enxergar no outro, eles mesmos.

No filme *As Vantagens de Ser Invisível* (2012), é vivido um drama pelo garoto Charlie, na qual grande parte das cenas do intitulado filme se passam em um Escola, gerando total ligação com o espectador que se deleita a assistir, afinal o espaço

educacional faz parte da vida da maioria das pessoas hoje em dia. No contexto do filme, Charlie demonstra ter problemas, para tanto, ele usa a escrita na perspectiva de recuperação dos possíveis traumas vivenciados por ele. A escrita nesse sentido, se torna uma terapia pois, nela é expresso os sentimentos de libertação, como uma desintoxicação de tudo de ruim encontrado dentro de si.

Charlie tenta se enturmar na Escola, procurando fazer amizades, mas conseqüentemente é incompreendido e rejeitado, levando-o a adentrar em uma turma chamada “desajustados”, que é composto por dois jovens excluídos de todos os grupos, por serem “diferentes” ou/e incompreendidos também. Parcialmente encontrado dentro do seu grupo, pacificamente, Charlie passa a falar sobre seus traumas, como por exemplo, o do suicídio do seu melhor amigo, deixando seus amigos completamente perplexos, pois aparentemente ele era um garoto calmo, intelectual, sem demonstrar fragilidades.

O grupo é construído nessa ficção, pelas semelhanças entre os participantes, não diferente do mundo real pois, de acordo com Freire (1992):

Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar [...] um grupo se constrói não na água estagnada do abafamento das explosões, dos conflitos, no medo em causar rupturas [...] um grupo se constrói na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer. (Freire, 1992, p. 64)

No desfecho da ficção *As Vantagens de Ser Invisível* (2012), tudo passa a ser explicado quando Sam e Charlie, personagens principais do filme, se beijam. Um toque na perna desperta os problemas de Sam: o abuso cometido pela tia; o seu melhor amigo morto. Ele se culpa, se sente sozinho, passa a se culpar e tenta cometer suicídio. Interrompido do seu ato, Charlie passa a reconhecer o apoio dos seus familiares e amigos, além de contar com ajuda médica.

Esse filme traduz exatamente o que é alteridade, a importância dela para vida das pessoas. O outro precisa de nós, nós precisamos do outro. Problemas sempre existirão nos outros, em nós, ter o apoio de pessoas do seu grupo primário, a família, do grupo secundário, os amigos e entre outros, é essencial para o exercício do autoconhecimento humano.

### 2.3 Alteridade na Educação

Promover o que é considerado distinto e que, portanto, é do outro, não é tarefa fácil em uma sociedade marcada por graves desigualdades de oportunidades. Nesse sentido, a visão de outro que perpetua, é a visão distinta dele. O sentido dessas categorias passou a ser deturpados quando a sociedade passou a ver o outro sob uma ótica de distanciamento. Que afasta o outro do mesmo. Em outras palavras, a mulher é outro para o homem, o negro é o outro para o racista, o homossexual é o outro heterossexual, é que, portanto, epistemologicamente falando, isso justificaria o distanciamento entre essas e outras esferas sociais. Para Beauvoir (1980) o que subverte o entendimento deturpado dessas categorias é a alteridade, como uma outra categoria fundamental para o pensamento humano que vai entender que nenhuma coletividade vai se estabelecer como uma sem estar diante da outra que também a constitui. Haja vista que na alteridade os outros estão diante dos mesmos em um movimento de reciprocidade.

A esfera educacional, para tanto, é, ou deveria ser, uma esfera marcada por potencializações e promoções da alteridade, reconhecendo o outro e os outros saberes produzidos neste espaço fundamentais para a multiplicação dos saberes, tanto do eu, quanto do outro. Em outras palavras, para Habowski, Conte e Pugens (2018), o reconhecimento do outro e o reconhecer-se são proeminentemente humanos e que por isso, possuem um caráter político e pedagógico somada a condição humana de criação de saberes em que o outro é parte indispensável. Quanto a isso, Habowski, Conte e Pugens (2018) acentuam que:

É sabido que a educação não pode ser dissociada da esfera da alteridade, do trabalho com o pensar coletivo, que reconhece a multiculturalidade, a diversidade e o sincretismo desde a infância. Isso porque toda ação pedagógica é um ato político e de reinvenção coletiva. Trata-se de um fenômeno de alteridade, uma vez que o educando cresce e se desenvolve na relação com o outro e no estímulo ao pensar sobre como deve agir na tomada de posição das próprias ações. (Habowski, Conte e Pugens, 2018, p. 190)

Nesse sentido, o educando deve assim se desenvolver em relação com o outro e entendendo o significado das suas próprias ações as quais exercem influência sob o outro, isso conecta-se mutuamente ao sentido de ética aplicada a alteridade. O espaço da escola é o espaço de inúmeras diferenças e que, portanto, a alteridade deve ser uma categoria valoriza e de constante promoção neste espaço, justamente por entender que por meio da

alteridade pode-se enfrentar determinadas mazelas sociais relacionadas a exclusão do outro e do si mesmo.

Para tanto, pensando a construção do conhecimento a partir da promoção da alteridade, Habowski, Conte e Pugens (2018) destacam que o movimento de se inclinar ao outro e acolhê-lo, assume grande importância no processo de construção do conhecimento, haja vista que dar voz ao outro, quer dizer, aprender com ele, desse modo, contribuindo com a formação e o desenvolvimento humanizado do outro e do si mesmo. Tal perspectiva dialoga harmonicamente com (FREIRE, 1997, p.6) quando diz que "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." Em um movimento completamente *alter*, a educação em Freire é pensada para que educadores e educadoras promovam e perpetuem uma educação refletida da alteridade e no progressismo.

Contudo, destaca-se a relevância de educar para a alteridade, para a capacidade de recolher e sobretudo, responsabilizar-se pelo outro. Agindo assim, em contramão a modelos educacionais preestabelecidos de negação do outro, de suas multivivências e de seus saberes, que nega ainda, o princípio de educação humanizadora pautado no reconhecimento do outro, entendido não somente como respeitá-lo, mas responsabilizar-se por ele.



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza básica, buscando o “[...] avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos” (Appolinário, 2011, p. 146).

A pesquisa será exploratória, que, de acordo com Severino (2016):

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestações desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. (Severino, 2016, p. 132)

As informações que serão obtidas a partir dessa pesquisa exploratória, irá auxiliar na formulação de hipóteses, de questões problemas, buscando assim, técnicas de pesquisa para trazer reflexões para o que se investigava.

Conhecer o espaço ao qual será aplicado a pesquisa, os ambientes, os contextos ali existentes, as dinâmicas dos espaços educativos, dos professores, alunos e funcionários que ali se encontram, observar as relações vivenciadas por eles, dialogar com essas pessoas e trocar conhecimentos, contribuirá para o manuseio desse objeto exploratório.

Será usado a abordagem qualitativa, elucidada por Lüdke e André (1986), seguindo os cinco pontos principais:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos;
3. A preocupação como o processo é muito maior do que com o produto;
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
5. A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. (Lüdke e André, 1986, p. 11-13)

A presente pesquisa dispõe dessa abordagem qualitativa, seguindo os cinco princípios dispostos pelos autores. Acreditou-se na relevância de cada item, pois eles guiam a pesquisa para uma ampla abordagem do objeto de estudo.

### 3.2 Técnicas de pesquisa

Serão usadas duas técnicas de pesquisa. A primeira consistirá na observação, que permitirá o acesso nas relações vivenciadas no contexto escolar da educação básica. E como segunda técnica de pesquisa, será usado entrevistas não-diretivas, ou seja, semiestruturadas, que por meio desse tipo de entrevista, poderá levantar informações a partir do discurso livre e da escuta atenta do entrevistador (Severino, 2016).

### 3.3 Método de análise de dados

O método utilizado nesta pesquisa é o AC – Análise de Conteúdo, pois de acordo com Bardin (2016):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (Bardin, 2016, p. 31).

A primeira etapa desta análise de conteúdo consiste na transcrição das entrevistas não diretivas ou semiestruturadas, que foram gravadas em áudio, para dados transcritos, separados individualmente em documentos, e a partir deles “[...] inicia-se a leitura flutuante. Em seguida, passará a escolha de índices ou categorias, que surgirão das questões norteadoras ou das hipóteses, e a organização destes em indicadores ou temas” (Câmara, 2013, p.185).

A segunda etapa será a fase da exploração do material transcrito, nesta etapa foram “[...] escolhidas as unidades de codificação, adotando-se os seguintes procedimentos de codificação [...] a escolha de unidades de registro – recorte; a seleção de regras de contagem – enumeração - e a escolha de categorias – classificação” (Câmara, 2013, p.185). Esta categorização permitiu reunir o maior número de informações a partir da esquematização, que no caso desta pesquisa, foi feita em quadros. Nestes quadros f dispostos os temas centrais das perguntas, como também, as respectivas respostas dos entrevistados.

A terceira e última etapa do processo de análise de conteúdo “[...] é denominada tratamento dos resultados – a inferência e interpretação. Calcado nos resultados brutos, o pesquisador procurara torná-los significativos e válidos” (Câmara, 2013, p.188). Nesta

etapa, os resultados foram induzidos, buscando dialogar com o referencial teórico da pesquisa, a fim de embasar e dar significado ao que se investiga. O que foi realizado nesta etapa está relacionado a discussão dos dados obtidos correlacionando com os marcos teóricos presentes no trabalho, para assim, finalizar o processo de análise de conteúdo.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico será discutido os resultados obtidos através da aplicação da pesquisa. Foram entrevistados quatro funcionários de um Escola Pública no Município de Cajazeiras/PB. Será utilizado a letra F (funcionários) com a numeração para a identificação das respectivas respostas dos entrevistados.

No quadro 01 (um), quando perguntados sobre o entendimento sobre as “Relações Interpessoais”, obtive as seguintes respostas:

**QUADRO 01 – CONCEPÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

F01	As relações entre eu e um indivíduo no ambiente família ou de trabalho.
F02	Elo entre duas ou mais pessoas no qual envolve emoções e sentimentos que gera determinados comportamentos, são as conexões que mantemos uns com os outros.
F03	As relações interpessoais geralmente surgem em ambientes que provocam um convívio cotidiano, como o lar, a escola ou o trabalho, nesse caso, considero que são relações sociais, pois estamos em contato com o outro desde os primeiros meses de vida.
F04	As relações interpessoais são importantes no contexto em que vivemos, é a partir delas que nos entendemos como agimos conosco e com o outro. É uma forma de interagir com pessoas e grupos, ou seja, não conseguimos viver sem o outro e ter relações interpessoais saudáveis e fundamental.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O F01 concede relações interpessoais como o relacionamento entre o eu e outro indivíduo, da família ou do trabalho. O F02 também concorda com o F01 e acrescenta que essas relações envolvem sentimentos e que geram pontuais comportamentos. O F03 discorre que essas relações surgem em vários ambientes, já que estamos em contato com o outro desde os primórdios. O F04 confirma que as relações interpessoais são importantes no contexto da vida e conclui que essas relações ajudam na interação das pessoas e dos seus grupos.

Leite (1991, p 238/239) usa uma expressão de J. P. Sartre que “o outro guarda um segredo: o segredo de quem sou eu”, e acrescenta também que [...] a nossa autoidentificação dependendo dos outros, pelo menos tanto quanto de nós mesmos”, nesse sentido, conclui-se que toda e qualquer interação concebida entre uma pessoa (ser social) para com o/s outro/s, pode ser considerada uma relação interpessoal, a partir também do lugar em que se desvela esse fenômeno. Considero que essas interações são importantes porque agregam sentido, parceria, companheirismo e empatia. Estes

princípios ajudam a conduzir as relações interpessoais para um convívio agradável e de respeito entre essas pessoas.

No quadro 02 (dois) quando perguntado sobre o que se entende por alteridade, essas foram as respectivas respostas:

#### QUADRO 02 – CONCEPÇÃO SOBRE ALTERIDADE

F01	As diferentes vivências que nos trazem culturas, costumes e pensamentos individuais.
F02	Interação do ser humano com o outro com relação de interdependência. Compreendendo e respeitando, tendo aptidão de se colocar no lugar do outro.
F03	A alteridade pode ser vista como o respeito a existência de si mesmo e do outro, reconhecendo que existem diferentes culturas, pensamentos e ideologias, onde nos incluímos e construímos nossa identidade. É reconhecer a si mesmo como parte de um contexto social.
F04	Entendo como o respeito propagado a diferentes grupos sociais. A valorização de ideias destes grupos.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O F01 concede alteridade como diferentes vivências dentro dos contextos culturais, dos costumes e do pensar único. Já o F02 compreende alteridade como a interação do ser humano com o outro, na compreensão e no respeito. O F03 também segue a mesma linha de pensamento do F02, acrescentando que as ideologias, os pensamentos constroem identidades. O F04 entende como respeito propagado a diversidade dos grupos sociais e a valorização das diferenças.

Penso na alteridade como o respeito a diversidade. Sem a noção de que a sociedade se transforma, se renova e que as relações interpessoais são feitas também a partir dessas mudanças, não conseguiremos avançar no sentido da convivência e da tolerância. Guareschi (1998, p. 155) escreve que “Na totalidade fechada há a-versão ao outro; o homem perfeito é o que tem-mais. Na alteridade dá-se a con-versão do outro; e o homem perfeito é o que é-mais.”. Cada pessoa traz consigo sua bagagem, seus princípios, sua cultura e sua forma de entender o mundo. Cabe a nós, seres pensantes e aprendizes diários, lidarmos com as diferenças com respeito e empatia para construirmos uma sociedade plural, justa e equilibrada.

No quadro 03 (três) foi questionado o que esses dois termos podem influenciar no contexto escolar:

**QUADRO 03 – INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E DA ALTERIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR**

F01	A forma como se aborda e como se transmite por exemplo; informações conflitantes, das quais os dois termos fazem com que um lado provavelmente seja mais importante ou até favorecido, dependendo do contexto.
F02	Podem influenciar diretamente no processo de aprendizagem e na coexistência entre os alunos e os demais integrantes do ambiente escolar.
F03	Os dois termos remetem a necessidade do respeito, de compreender o lugar do outro e perceber a si mesmo como parte de uma sociedade que será afetada pelas ações que tomamos. Dessa forma, ambos influenciam em qualquer contexto, especialmente no âmbito escolar, visto que as interações nesse meio têm grande impacto no processo de aprendizagem. Existindo o conhecimento da importância das relações interpessoais e da alteridade, existirá então a possibilidade de uma interação respeitosa no contexto educacional.
F04	O ambiente escolar é um espaço que acolhe uma pluralidade de sujeitos, oriundos de distintos espaços sociais, pois é na escola que se percebe as diferenças da sociedade. A alteridade e as relações interpessoais interferem significativamente no dia a dia da escola. Manter relações baseadas na tolerância, respeito mútuo e de total importância para um ambiente saudável, que propicie saúde mental e física aos educadores. Ao contrário, se torna preocupante quando não se tem um ambiente satisfatório, que o profissional não se sinta a vontade, causando assim, estresse, desânimo, incapacidade pessoal e profissional. Por vezes podendo até elevar-se a um quadro depressivo.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O F01 alega que a influência das relações e da alteridade pode ser diferente na resolução dos conflitos na Escola, privilegiando indivíduos, desequilibrando essas relações. O F02 acredita na influência desses dois termos no processo de aprendizagem, como também no reconhecimento do outro no ambiente escolar. Já o F03 disserta que os dois termos conduzem o respeito com base no reconhecimento do outro no processo educativo. Já o F04 discorre que o ambiente escolar acolhe as pluralidades dos sujeitos, sendo assim, na Escola que irá se perceber as diferenças sociais. As relações para esse funcionário, precisam ser baseadas nas relações interpessoais e na alteridade, para que os conflitos não prejudiquem a saúde mental daqueles que estão exercendo sua função na Escola.

Quando trazemos a essência das relações interpessoais e a noção do termo alteridade, que diz muito sobre a prática, pode-se dizer que elas caminham lado a lado, pois de acordo com Leite (1991, p.240) “[...] somos o que somos [...] porque os outros são testemunhas do nosso eu. Se os outros nos abandonam [...] já não temos critérios de autoidentificação [...]”, nesse pensamento, as relações interpessoais e a alteridade no âmbito escolar se torna necessário em prol da prevenção da saúde desses funcionários, além do mais, a não prevenção constituirá em prejuízos no desenvolvimento do trabalho daqueles que estão inseridos no ambiente escolar.

A Escola é um contexto social importante para que as relações se construam com dignidade, respeito e equidade. Diariamente temos que conviver com diferentes comportamentos, perspectivas e culturas. Por essa razão, está aí a parte em que a alteridade se faz presente. Sem o respeito, a tolerância e empatia, como poderemos traçar um caminho para uma sociedade diversa?!. É dever nosso, enquanto pessoas que estão inseridas neste contexto escolar, contribuir para que a convivência seja sempre repleta de diálogo, respeito e empatia.

No quadro 04 (quadro) foi questionado se os saberes partilhados pelos docentes e educandos tem seus princípios baseados na alteridade:

#### QUADRO 04 – SABERES PARTILHADOS A PARTIR DA ALTERIDADE

F01	Sim, como exemplo o usar do termo folclore para o conhecimento dos costumes dos povos originários, com base nas suas alteridades e relações interpessoais semelhantes.
F02	Algumas vezes sim, quando há uma compreensão em relação ao outro e o respeito as diferenças.
F03	Diante das minhas vivencias posso dizer que sim. Mesmo que a alteridade não seja um termo popularmente conhecido, o seu significado tem muito a ver com os princípios básicos da profissão docente, que deve ser pautada no respeito, no conhecimento das pluralidades e na construção da identidade própria do educando. Quando o professor pergunta aos educandos sobre sua família, comunidade ou cultura, os alunos passam a partilhar conhecimentos gerados a partir de suas vivencias, assim está exercitando diretamente a alteridade através da escuta dessa partilha
F04	Em relação aos docentes e educandos por vezes, se deixa os princípios com base na alteridade a desejar. Muitos educandos não são respeitados devidamente como mereciam, sendo as vezes excluídos pelo seu modo distinto de ser, e pensar.

**Fonte:** Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O funcionário F01 afirma que sim, trazendo o exemplo do folclore que agregam ao conhecimento dos costumes dos povos originário, com base na alteridade. Já o F02 fala que algumas vezes essas compreensões são concebidas na Escola. O F03 afirma que sim, mesmo que não sendo pautado diretamente na alteridade, os princípios básicos da profissão docente estão em consonância com o respeito a pluralidade e com a construção do sujeito. Já o F04 acredita que tem sido insuficiente os princípios com base na alteridade, pois muito educandos não são respeitados e com isso são excluídos.

Trabalhamos todos os dias na contramão de alguns estigmas que insistem em co(existir) não só nas instituições escolares, mas em todos os ambientes sociais. Trabalhamos no sentido de uma educação que não atue como "corretivo social" das

histórias trazidas pelos educandos/as, mas com uma perspectiva muito mais acolhedora e tolerante. Os debates são muitas vezes banidos por envolverem diferentes pensamentos, culturas, crenças ou outras diferenças. Mas tentamos cultivar uma prática educativa que acolha, que respeite e que eduque nossos educandos com equilíbrio e dignidade. Existem sim as divergências e dificuldades, como em qualquer profissão, mas estamos sempre dispostos/as a aprender, esclarecer e persistir. Afinal, nas relações interpessoais que trilhamos neste contexto escolar, aprendemos uns com os outros.

No quadro 05 (cinco), foi questionado as relações vivenciadas na Escola, se conseguem perceber o *alter/outra* no processo educativo:

#### QUADRO 05 – O ALTER/OUTRO NO PROCESSO EDUCATIVO

F01	Sim, como a influência política vivida em 2022, trouxe à tona vários conflitos nas relações interpessoais no ambiente de trabalho e educacional também, por exemplo professores e funcionários sendo exonerados dos cargos por escolha a ou b.
F02	Ainda é um desafio, falta muito para que a comunidade escolar tenha maior compreensão uns com os outros e percebam a importância de respeitar e perceber o outro nas suas diversas vertentes.
F03	Sim. A escola é o ambiente mais propício para a construção de relações, pois desde pequenos nos habituamos a viver e conviver em contato com outros indivíduos. O processo educativo vem deixando de ser interpretado apenas como leitura e escrita, hoje compreendemos que parte desse processo está nas interações provocadas durante o período de formação escolar. Perceber o outro está no aprofundamento dessas relações, está no ato de conhecer novas culturas e respeitar diferentes ideias.
F04	Por vezes não. Ainda é necessário se trabalhar de modo que se atinja este fim.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O F01 afirma que sim, que a influência política vivenciada em 2022 trouxe alguns conflitos nessas relações de trabalho, no caso da Escola, educadores posicionando-se em lados contrários, com consequência por suas escolhas. O F02 alega que ainda é um desafio e que falta muito para a comunidade escolar tenha uma compreensão dos outros, e consigam perceber a importância do respeito a diversidade presente na Escola. O F03 também afirma que sim, e que a Escola é um ambiente preparado para a construção das relações. Aprofunda-se nas relações seria um ato de conhecer e respeitadas as diferenças. Por fim, o F04 nega, por vezes, que não percebe o outro no processo e que é necessário o trabalho nesse contexto para que se atinja a prosperidade no reconhecimento do outro.



De acordo com Leite (1991, p. 242) “[...] poucos alunos conseguem ser percebidos, ou poucos conseguem identificar-se através do professor [...]”, essa percepção deve ser um exercício contínuo de todos os educadores. Não direi que é uma tarefa fácil, como ser educador também não é. Temos nossas limitações, mas também temos a vontade de aprimoramento, de re(significação) e resiliência. Friso a importância também do equilíbrio, respeito e equidade no contexto ao qual estamos inseridos. Nesse sentido, não só percebemos, como estudamos todos os dias para que esse processo seja sempre inclusivo, respeitoso e que fomente a tolerância com nossos/as educandos/as e suas especificidades.

No quadro 06 (seis), foi questionado como são as relações em grupo na Escola? (Em sala de aula, com os educadores):

#### QUADRO 06 – RELAÇÕES EM GRUPO NA ESCOLA

F01	São em grande parte, conflitantes de forma escondida, para que não afete os discentes.
F02	Um pouco complexa. Falta muito para que as pessoas tenham a capacidade de se colocarem no lugar do outro, vejam suas lutas, compreendam e respeitem as diferentes.
F03	Ainda há o que melhorar. Acredito que sempre haverá estranheza diante do que foge dos nossos costumes, no entanto as próprias formações iniciais e continuadas já têm como base um olhar mais humanizado para lidar com situações de conflitos. A busca por relações de respeito sempre será uma das maiores dificuldades encontradas pela escola, porém já é possível perceber que os alunos se reconhecem nas próprias diferenças, existe uma pluralidade que é vista mais nitidamente nos últimos anos, o que exigiu dos educadores uma formação mais humana, voltada ao diálogo e ao conhecimento das particularidades.
F04	Na minha realidade as relações por vezes são conflituosas, devido ao número excessivo de alunos, crianças com transtornos e trabalhar com profissionais que não tem formação adequada para compreender o desenvolvimento infantil das crianças. Além disso, muitos não tem a ética necessária para saber se adequar ao ambiente escolar. Muitas das vezes até causando desconforto aos docentes. Havendo assim, prejuízos profissionais e emocionais.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

Para o F01 as relações em grupo são conflitantes e mascaradas, para que não afete os educandos. Já para o F02 é um pouco complexa, pois falta muito para o reconhecimento do outro como parte de si mesmo. Para o F03 ainda há muito o que melhorar, sendo assim, o mesmo acredita que sempre haverá conflitos diante da diversidade de pessoas, mas que a busca pelo respeito deve prevalecer nessas relações.

De acordo com Freire (p.63) “Grupo é um resultado da dialética entre a história do grupo (movimento horizontal) e a história com seus mundos internos, suas projeções e transferências (movimento vertical) no suceder da história da sociedade em que estão inseridos.”. Sendo assim, da pessoa que trabalha nos portões da instituição até o/a último/a educando/a que a constitui, somos diariamente atravessados por essas pessoas nas nossas relações interpessoais todo o tempo e o nosso processo educativo é muito mais abrangente do que a sala de aula ou as paredes da instituição escolar. Tentamos conceber a divergência como uma forma de re/significar as interações e trabalhamos para um bom convívio. Temos sobretudo a convicção de que seguimos no caminho do respeito e parceria para com o/a outro/a e das relações que temos com todo/s que trabalham neste ambiente.

No quadro 07 (sete) foi perguntado se a pluralidade é respeitada na Escola:

#### QUADRO 07 – PLURALIDADE DOS SUJEITOS NO CONTEXTO ESCOLAR

F01	Sim, por fora, mas sempre tem o olhar de julgamento quando tem alguém da comunidade LGBTQIAPN+, a rejeição e preconceito de forma velada para cima dos discentes PCD's de seus cuidadores.
F02	Muitas vezes não, ainda existe uma resistência muito grande em se tratando do respeito as diferenças, ainda mais quando está voltada a sexualidade, temática que ainda necessita de muitas discussões objetivando o respeito.
F03	Não é possível afirmar que sim, já que não é uma pergunta que permite uma interpretação isolada. No que diz respeito aos educadores, é respeitada, porém entre os alunos ainda existem comportamentos que não deveriam acontecer, como piadas e/ou brincadeiras que provocam constrangimento. Posso dizer que já mudou bastante, pois quando fiz o ensino fundamental existia menos cobrança dos professores para o respeito às pluralidades, hoje já vemos professores mais preocupados com o assunto, mais informados e capacitados para agir nessas situações.
F04	Parcialmente, ainda estamos caminhando. Ainda permanece o estranhamento e julgamentos em relação às pluralidades das pessoas. Muitas das vezes sofrem preconceitos por serem ou se comportarem diferentes.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

Para o F01 a pluralidade do sujeito na Escola é respeitada, entretanto, para a comunidade LGBTQIAPN+ e aos PCD's – Pessoas com Deficiências, como também, seus cuidadores, ainda sim é perceptível a rejeição velada. Já para o F02 destaca que as vezes essa pluralidade não é respeitada, pois ainda existe resistência em alguns assuntos, como o exemplo da sexualidade. Já a S03 diz que não é possível afirmar que sim, pois é uma pergunta que requer uma interpretação isolada. Os educadores respeitam essa pluralidade e estão mais preocupados com essa diversidade existente na Escola. Alguns

educandos não respeitam e replicam piadas preconceituosas. O F04 alega que parcialmente a pluralidade é respeitada, mas está se encaminhando, o diferente é sempre atacado.

A pluralidade é um dos pilares que sustentam o diálogo. Temos a noção de que a sociedade se transforma e é plural/diversa. Logo, os sujeitos também terão suas características respeitadas e acolhidas nas relações interpessoais produzidas na nossa instituição. Cada participante da sociedade é único, mesmo com o seu objetivo sendo mútuo. Cada sujeito tem sua identidade, seus jeitos, formas, introjeções pessoais, compreensão de mundo diferente, e por tanto, tudo isso precisa ser respeitado e compreendido por todos (Freire).

No quadro 08 (oito), o que se pode concluir sobre a alteridade nas relações interpessoais:

**QUADRO 08 – CONCLUSÕES SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E ALTERIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR**

F01	A alteridade quando colocada na balança (independente do contexto) social , ela se torna uma arma usada da forma mais covarde, pois as escolas são formadoras de humanos pensantes, e tomaram essas alteridades como exemplo a ser seguido. E destacado que nas relações interpessoais de funcionários das instituições educacionais, isso só é um grande problema que não terá fim, devido a alteridade das gerações que estão a frente delas.
F02	É uma concepção importante no qual faz referência a capacidade de respeitar e compreender as diversidades, exercendo a empatia e a tolerância.
F03	É um tema indiscutivelmente relevante para todos os contextos, seja no trabalho, na escola ou em casa com a família. Perceber-se como parte de algo maior nos traz a sensação de que somos importantes e devemos agir com a devida responsabilidade. Reconhecer o outro e o seu espaço, nos leva a respeitar suas particularidades. Isso torna as relações interpessoais mais harmoniosas e cordiais.
F04	De extrema importância, pois praticar a alteridade nas relações interpessoais é trabalhar o eu, o outro e o nós. É contribuir para a permanência e evolução de uma sociedade mais harmoniosa e feliz.

Fonte: Entrevista aplicada pelo autor (2023)

O F01 conclui que a alteridade colocada na balança do contexto social precisa ser seguida na Escola, e que as relações interpessoais com os funcionários das instituições de ensino devem prevalecer e seguida com alteridade para as próximas gerações. O F02 diz que é uma concepção importante e faz referência a capacidade de respeitar e compreender as diversidades. O F03 disserta que é um tema indiscutivelmente relevante para todos os contextos, e que reconhecer o outro no seu espaço, respeitando suas particularidades. Já

o F04 conclui que é de extrema importância trabalhar o eu, o outro, o nós, contribuindo para permanência do bem-estar social.

Concluo que elas formam uma aliança de compromisso, não poderíamos construir relações interpessoais saudáveis sem ter a alteridade como condutora neste processo, pois sem o esclarecimento de que o/a outro/a é diferente de mim, como poderei menosprezá-lo ou colocá-lo em escanteio?!. Seguindo os escritos de Leite (1991, p. 236) pode-se afirmar que: “Com um pouco de exagero, seria possível dizer que ensinar relações interpessoais seria o mesmo que ensinar alguém a respirar”. Contudo, nós podemos pensar diferente, temos nossos jeitos de ser e visões de mundo, mas acima de tudo temos a consciência de que a parceria e o companheirismo são imprescindíveis para nossa convivência em grupo e sobretudo, na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou (re)significar os olhares sobre a alteridade na educação básica por meio das relações interpessoais. A temática parte de um interesse pessoal que surgiu enquanto estudante do curso de Pedagogia e que caminhou comigo durante a formação da pós-graduação. Tenho uma afinidade com a temática, pois faz parte de algo que acredito para e/na educação. As relações interpessoais e a alteridade precisam serem vistas e colocadas em prática, sendo assim, o artigo tem a sutileza de ressignificar essas relações postas a educação básica e conversar com aqueles que se interessam pela temática.

Partindo para os relatos dos funcionários entrevistados, e atrelando aos objetivos específicos do artigo, pode-se apontar que: no primeiro objetivo específico, foi possível refletir a partir da ótica das relações interpessoais, na perspectiva do eu em consonância com o alter, inserido no contexto da educação básica. Os funcionários descreveram suas concepções sobre as duas temáticas e compreenderam que elas estão em total consonância.

No segundo objetivo específico, a compreensão no aprendizado como forma de aprimorar os saberes e formar seres reflexivos, é possível elencar que por mais das mazelas, das dificuldades postuladas a educação na atualidade, que o aprimoramento dos saberes pode sim tornar e formar seres reflexivos, a partir do exercício das relações interpessoais e do alter.

Como último objetivo específico, foi o de perceber o outro no processo educativo, na participação de todos e no respeito a pluralidade. A partir da análise das entrevistas, pode-se elencar que enxergar o outro, seja ele, o educando, o educador, e os demais funcionários da Escola, não é algo fácil ou sutil, que a inclusão de todos no processo educativo é ainda uma barreira a ser quebrada, como também, a do respeito a diversidade existente na Escola.

Concluo que este artigo cumpre o objetivo central que é o de analisar sob a ótica da alteridade as relações interpessoais na educação básica, como também, cumpre as demandas postuladas pelos objetivos específicos. A ressignificação de quaisquer significantes que faça parte integrante de nós, que nos permita evoluir enquanto humano, precisa ser ressignificado na quantidade de vezes que preciso, portanto, que a alteridade e as relações interpessoais, se façam presentes na educação básica e nas nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- AS VANTAGENS de Ser Invisível. Direção de Stephen Chbosky. Paris Filmes: 2012. 1 DVD. (103 min).
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980b.
- CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Minas Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191.
- FREIRE, Madalena. O que é um grupo. In: GROSSI, Esther Pilar, BORDIN, Jussara (Orgs.) **Paixão de Aprender**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, p. 59-68.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e Relação: Uma Perspectiva Crítica. In: A. A. (org.) **Representando a Alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- HABOWSKI, A. C; CONTE, E; PUGENS, N. B. **A perspectiva da Alteridade na Educação**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2018. DOI: 10.18226/21784612.v23.n1.10
- LEITE, Dante Moreira. Educação e relações interpessoais. LEITE, Dante Moreira. **Educação e relações interpessoais**. In.: PATTO, Maria Helena de Souza (Org.) Introdução à Psicologia. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 301-327.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- NÓVOA, António. **CURRÍCULO E DOCÊNCIA: a pessoa, a partilha e a prudência**. In: PEREIRA, Maria Z. da Costa; GONSALVES, Elisa Pereira; CARVALHO, Maria Eulina P. de. (Org<sup>as</sup>). **CURRÍCULO E CONTEMPORANEIDADE: Questões emergentes**. Campinas: Alínea, 2004.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

## **APÊNDICE**



## APÊNDICE I – INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### ROTEIRO

- 1) Qual o seu entendimento sobre as “Relações Interpessoais”?
- 2) E sobre a Alteridade, o que você entende?
- 3) O que esses dois termos podem influenciar no contexto escolar?
- 4) Os saberes partilhados pelos docentes e educandos tem seus princípios com base na alteridade?
- 5) As relações vivenciadas na Escola conseguem perceber o alter/outro no processo educativo?
- 6) Como são as relações em grupos na Escola? (Em sala de aula, Com os educadores)
- 7) A pluralidade é respeitada na Escola? Comente sobre.
- 8) O que podemos concluir sobre a alteridade nas relações interpessoais?





Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO: (RE)SSIGNIFICANDO OLHARES SOBRE A ALTERIDADE NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS/PB**, coordenado pela professora **DRA. ROZILENE LOPES DE SOUSA ALVES** e vinculado ao **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP; UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo central investigar como as relações interpessoais acontecem no ambiente de trabalho dos funcionários terceirizados, se faz necessário por devolver o aprendizado ocasionado pelo estudo dessa temática, para o curso de Pós-Graduação em Formação de Professores para a Educação Básica, como também para toda a comunidade acadêmico científica, e, para todos os trabalhadores terceirizados, fontes para o desenvolvimento deste trabalho.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: uma entrevista com o pesquisador responsável pela pesquisa. Os riscos envolvidos com sua participação são: não existem riscos com a sua participação nesta pesquisa, pois os dados a serem coletados serão usados de forma confidencial, preservando assim a sua identidade. Os benefícios da pesquisa serão: a contribuição acadêmica científica para produção de pesquisa.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Comitê de Ética em Pesquisa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

<b>Dados para contato com o responsável pela pesquisa</b>
---

<b>Nome:</b> Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores
---

<b>Instituição:</b> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
---

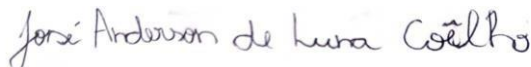
<b>Endereço Profissional:</b> Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n / Casas Populares
---

<b>Telefone:</b> (83) 3532-2075
---------------------------------

<b>E-mail:</b> cepcfpufcgcz@gmail.com
---------------------------------------

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras-PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.



\_\_\_\_\_  
Assinatura voluntário(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pelo estudo